

I

O PIOR ANIVERSÁRIO

Não era a primeira vez que uma discussão estourava à mesa do pequeno-almoço, no número 4 de Privet Drive. Mr. Vernon Dursley fora acordado de manhã cedo pelo piar ruidoso que vinha do quarto do seu sobrinho Harry.

— É a terceira vez esta semana! — resmungou, à mesa. — Se não consegues controlar essa coruja, ela não pode ficar aqui.

Harry tentou, mais uma vez, explicar.

— Ela está aborrecida. Estava habituada a voar livremente lá fora. Se eu pudesse, ao menos, soltá-la à noite...

— Achas-me com cara de idiota? — perguntou rispidamente o tio Vernon, com um fio de ovo preso no bigode farfalhado. — Sei muito bem o que aconteceria, se essa coruja fosse lá para fora.

Trocou um olhar soturno com a mulher, a tia Petúnia.

Harry tentou contra-argumentar, mas as suas palavras foram abafadas por um enorme arrotto do filho dos Dursleys, Dudley.

— Quero mais *bacon*.

— Há mais na frigideira, fofinho — disse a tia Petúnia, lançando um olhar vago ao seu filho compacto. — Tens de te alimentar bem enquanto aqui estás, aquela comida da tua escola não me cheira.

— Disparate, Petúnia, eu nunca passei fome enquanto andei em Smeltings — afirmou com sinceridade o tio Vernon. — O Dudley tem que chegue. Não é verdade, filho?

Dudley, que era tão gordo que o rabo lhe saía dos dois lados da cadeira da cozinha, sorriu laconicamente e voltou-se para Harry.

— Passa-me a frigideira.

— Esqueceste-te da palavra mágica — disse Harry, irritado.

O efeito que esta simples frase teve no resto da família foi inacreditável: Dudley começou a arfar e caiu da cadeira com um estrondo que abalou a cozinha, Mrs. Dursley deu um gritinho

e bateu com as mãos na boca, Mr. Dursley pôs-se de pé com as veias das têmporas dilatadas.

— Eu queria dizer «por favor» — explicou Harry rapidamente.
— Não me referia a...

— O QUE É QUE EU TE DISSE — vociferou o tio, espalhando perdigotos sobre a mesa — SOBRE PRONUNCIAR A PALAVRA M. NESTA CASA?

— Mas eu...

— COMO TE ATREVES A AMEAÇAR O DUDLEY? — rosnou o tio Vernon, batendo com o punho na mesa.

— Eu só...

— ESTÁS AVISADO. NÃO VOU ADMITIR REFERÊNCIAS À TUA ANORMALIDADE DEBAIXO DO MEU TECTO!

Harry olhou alternadamente para o rosto congestionado do tio e para a palidez da tia, que tentava pôr Dudley de pé.

— Está bem — disse Harry. — Está bem...

O tio Vernon voltou a sentar-se, respirando como um rinoceronte exausto e observando Harry de perto pelo canto dos seus olhos pequeninos e penetrantes.

Desde que Harry regressara para as férias de Verão que o tio Vernon o tratava como se ele fosse uma bomba, capaz de explodir a qualquer momento, porque Harry não era um rapazinho normal. Na verdade, ele era o menos normal que é possível imaginar.

Harry Potter era um feiticeiro, um feiticeiro que acabara de concluir o primeiro ano na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts e a infelicidade que os Dursleys sentiam por ele estar lá em casa não era nada comparada com a de Harry.

As saudades de Hogwarts eram tão intensas que se assemelhavam a uma constante dor no estômago. Sentia a falta do castelo com as suas passagens secretas e os seus fantasmas, das aulas (com exceção talvez das de Snape, o professor de Poções), do correio a chegar trazido pelas corujas, dos banquetes no Salão Nobre, das noites nas camas de dossel no dormitório da torre, das visitas a Hagrid, o guarda dos campos na sua casinha no bosque, junto da Floresta Proibida e, principalmente, sentia a falta do Quidditch, o desporto mais popular do mundo dos feiticeiros (seis postes para marcação de golos, quatro bolas voadoras e catorze jogadores montados em vassouras).

Todos os livros de feitiços de Harry, assim como a varinha, os mantos, o caldeirão e a vassoura topo de gama *Nimbus Dois Mil* tinham sido encerrados pelo tio Vernon no armário que ficava debaixo das escadas, no momento em que Harry regressara a casa. O que é que lhes interessava se ele perdia ou não o seu lugar na equipa de Quidditch por não ter praticado durante todo o Verão? Que importância tinha para eles que Harry voltasse à escola sem ter podido fazer os trabalhos de casa? Os Dursleys eram daqueles a quem os feiticeiros chamam «Muggles» (nem uma gota de sangue mágico nas veias) e, para eles, ter um feiticeiro na família era motivo de grande vergonha. O tio Vernon tinha, inclusivamente, fechado a cadeado a coruja de Harry, *Hedwig*, dentro da gaiola, para evitar que ela transportasse mensagens para a gente do mundo da feitiçaria.

Harry não se parecia em nada com o resto da família. O tio Vernon era atarracado e sem pescoço, dotado de um enorme bigode preto; a tia Petúnia tinha um rosto cavalaresco e era esquelética; Dudley era loiro e rosado como um porquinho. Harry, pelo contrário, era baixo e franzino, com os olhos verdes brilhantes e cabelo negro sempre desalinhado. Usava uns óculos redondos e tinha na testa uma cicatriz em forma de raio.

Era essa cicatriz que o tornava tão invulgar, mesmo para um feiticeiro. Era a única alusão ao seu passado misterioso, ao motivo pelo qual, onze anos antes, tinha sido deixado no degrau da porta dos Dursleys.

Com um ano de idade, Harry sobrevivera a uma maldição do maior feiticeiro negro de todos os tempos, Lord Voldemort, cujo nome a maior parte dos feiticeiros e feiticeiras ainda receava pronunciar. Os pais de Harry tinham morrido num ataque de Voldemort, mas ele escapara com a sua cicatriz em forma de raio e, estranhamente, sem que ninguém compreendesse porquê, os poderes de Voldemort tinham sido destruídos no momento em que não fora capaz de matar Harry.

Por isso, este foi criado pela irmã da sua falecida mãe e pelo respectivo marido. Passou dez anos com os Dursleys, sem nunca compreender por que fazia com que acontecessem coisas estranhas, alheias à sua vontade, acreditando na história dos Dursleys de que aquela cicatriz fora resultado de um acidente de automóvel em que os seus pais tinham morrido.

E um dia, precisamente um ano antes, Hogwarts escrevera-lhe e fora então que tudo começara. Harry fora ocupar o seu lugar na escola de feitiçaria, onde ele e a sua cicatriz eram famosos... mas agora o ano escolar chegara ao fim e estava de novo com os Dursleys. Durante o Verão, voltara a ser tratado como um cão malcheiroso.

Os Dursleys nem se tinham lembrado de que aquele era o dia do seu décimo segundo aniversário. É claro que não tivera grandes expectativas: eles nunca lhe tinham dado um presente a sério, muito menos um bolo, pelo contrário, ignoravam-no por completo...

Nesse momento, o tio Vernon pigarreou com um ar importante e disse: — Como todos sabem, hoje é um dia muito importante.

Harry olhou para ele, mal conseguindo acreditar.

— Pode bem ser que eu faça hoje o maior negócio de toda a minha vida — afirmou.

Harry voltou novamente a atenção para a torrada. É claro, pensou amargamente, o tio Vernon referia-se àquele estúpido jantar. Havia quinze dias que não falava de outra coisa. Um construtor qualquer cheio de massa e a mulher iam jantar lá a casa e o tio Vernon tinha esperança de conseguir uma grande encomenda (a empresa do tio Vernon fabricava brocas).

— Acho que devíamos recapitular mais uma vez — disse o tio Vernon. — Devemos estar todos a postos às oito horas em ponto. Petúnia, tu vais estar...?

— No salão — respondeu a tia Petúnia prontamente —, à espera para lhes dar as boas-vindas a nossa casa.

— Bom, bom. E o Dudley?

— Eu vou estar à espera para abrir a porta. — Dudley esboçou um sorriso falso e afectado. — Dão-me licença que vos guarde os casacos, Mr. e Mrs. Mason?

— Eles vão adorá-lo! — exclamou arrebatadamente a tia Petúnia.

— Excelente, Dudley — disse o tio Vernon. A seguir voltou-se para Harry. — E tu?

— Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho e fingindo que não estou lá — repetiu o Harry, de forma inexpressiva.

— Exactamente — confirmou o tio Vernon, de um modo desagradável. — Eu conduzo-os até ao salão, apresento-te, Petúnia, e sirvo-lhes as bebidas. Às oito e um quarto...

— Eu chamo para a mesa — completou a tia Petúnia.

— E tu, Dudley, vais dizer...

— Dá-me licença que lhe indique a casa de jantar, Mrs. Mason?
— repetiu Dudley, oferecendo o seu braço gordo a uma mulher invisível.

— O meu pequenino cavalheiro — fungou a tia Petúnia.

— E tu? — perguntou o tio Vernon a Harry, no mesmo tom desagradável.

— Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho, fingindo que não estou lá — respondeu Harry, aborrecido.

— Isso mesmo. Agora, devíamos ter preparadas algumas frases amáveis para o jantar. Petúnia, alguma ideia?

— O Vernon disse-me que o senhor é um excelente jogador de golfe, Mr. Mason... Tem de me dizer onde comprou esse vestido, Mrs. Mason...

— Perfeito. Dudley?

— Que tal: Tivemos de fazer um trabalho para a escola sobre o nosso herói e eu escrevi sobre o senhor...

Foi de mais, tanto para a tia Petúnia como para Harry. A tia debulhou-se em lágrimas e abraçou o filho, enquanto Harry se esgueirava para debaixo da mesa para ninguém o ver rir.

— E tu, rapaz?

Harry fez um esforço para se mostrar inexpressivo quando emergiu. — Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho e fingindo que não estou lá — disse.

— Vais, sim senhor — afirmou o tio Vernon energicamente. — Os Mason não sabem nada a teu respeito e é assim que as coisas vão continuar. Quando o jantar terminar, tu trazes Mrs. Mason para o salão, onde vamos tomar café, Petúnia, e eu puxo o assunto das brocas. Com um pouco de sorte, tenho o contrato assinado antes do noticiário das dez. Amanhã por esta hora, vamos estar à procura de uma casa de férias em Maiorca.

Harry não conseguia sentir o menor entusiasmo com aquilo. Não lhe parecia que os Dursleys gostassem mais dele em Maiorca do que em Privet Drive.

— Certo, eu vou à cidade buscar o meu *smoking* e o do Dudley. E tu — resmungou, apontando para Harry — não atralhes a tua tia enquanto ela estiver a limpar.

Harry saiu pela porta das traseiras. Estava um lindo dia de sol. Atravessou o relvado, deixou-se cair no banco do jardim e cantarolou baixinho: — Parabéns para mim... parabéns para mim...

Nem cartas nem presentes e tinha de passar a noite a fingir que não existia. Olhou, infeliz, para a sebe.

Nunca se sentira tão só. Mais do que tudo no mundo, mais do que de Hogwarts, mais até do que do jogo de Quidditch, Harry sentia a falta dos amigos Ron Weasley e Hermione Granger, mas eles não pareciam sentir a falta dele. Nenhum dos dois lhe escrevera durante todo o Verão apesar de Ron ter dito que ia convidá-lo para passar uns dias lá em casa.

Inúmeras vezes, Harry estivera quase a libertar magicamente *Hedwig* da sua gaiola e mandá-la levar uma carta a Ron e a Hermione, mas não valia a pena correr o risco. Os feiticeiros menores de idade não tinham autorização para usar magia fora da escola. Harry não contara isto aos Dursleys, pois sabia que era o medo de que ele os transformasse a todos em baratas que os impedia de o fecharem à chave no armário debaixo das escadas, juntamente com a varinha e a vassoura. Nas primeiras semanas, Harry divertira-se a murmurar baixinho palavras sem sentido e a ver Dudley sair disparado do quarto, tão rápido quanto as suas pernas gordas lhe permitiam. Mas o silêncio prolongado de Ron e Hermione tinham-no feito sentir-se tão longe do mundo da magia que até divertir-se à custa de Dudley perdera o interesse. E, agora, Ron e Hermione tinham-se esquecido do seu aniversário.

Quanto não daria ele por uma mensagem de Hogwarts de qualquer feiticeiro ou feiticeira! Quase ficaria satisfeito com um sinal do seu feroz inimigo, Draco Malfoy, só para ter a certeza de que tudo aquilo não fora apenas um sonho...

Não que tudo durante o ano em Hogwarts tivesse sido divertido. Mesmo no fim do último período, Harry confrontara-se nem mais nem menos do que com Lord Voldemort, em pessoa. Voldemort podia ser uma sombra do que fora em tempos, mas continuava a espalhar o terror, ainda astuto, ainda determinado a recuperar o poder. Harry escapara uma segunda vez às suas garras, mas fora por um triz e mesmo agora, algumas semanas decorridas, acordava de noite encharcado em suores frios, perguntando-se onde estaria Voldemort, lembrando o seu rosto lívido, os seus olhos completamente loucos...

Harry sentou-se subitamente, direito como um fuso, no banco do jardim. Tinha estado a olhar distraído para a sebe e a sebe

estava a olhar para ele. Dois enormes olhos verdes surgiram por entre a folhagem.

Pôs-se de pé no momento em que uma voz zombeteira flutuava pelo relvado.

— Eu sei que dia é hoje — cantarolava Dudley, bamboleando-se enquanto se aproximava.

Os olhos enormes piscaram e desapareceram.

— O quê? — perguntou Harry sem afastar o olhar do lugar onde eles estavam.

— Eu sei que dia é hoje — repetiu, chegando junto dele.

— Ainda bem — disse Harry. — Aprendeste finalmente os dias da semana.

— Hoje é o dia dos teus anos — troçou Dudley. — Por que é que não recebeste nenhuma carta? Não tens amigos nesse lugar esquisito?

— É melhor não deixares a tua mãe ouvir-te falar da minha escola — disse Harry calmamente.

Dudley puxou as calças que estavam a escorregar-lhe pelo gordo rabo abaixo.

— Por que estás a olhar para a sebe? — perguntou, curioso.

— Estou a pensar nas palavras que deverei pronunciar para lhe pegar fogo — disse Harry.

Dudley recuou de imediato com um olhar de pânico na cara rechonchuda.

— Tu não p-p-odes, o pai disse que não podias fazer magia ou corria contigo daqui de casa e não tens mais nenhum lugar para onde ir, não tens amigos que te convidem...

— *Jiggery pokery!* — entoou Harry com voz firme. — *Hocus pocus... squiggly wiggly...*

— Maaaaaãe! — gritou Dudley, tropeçando nos pés, enquanto se precipitava para dentro de casa. — Maaaaãe, ele vai fazer aquela coisa!

Harry pagou duramente aquele momento de gozo.

Como não aconteceu nada de mal nem a Dudley nem à sebe, a tia Petúnia percebeu que ele não fizera magia nenhuma, mas, mesmo assim, Harry teve de se baixar quando ela lhe deu uma forte pancada na cabeça com a frigideira cheia de detergente. A seguir, distribuiu-lhe trabalho e o castigo de só voltar a comer quando tivesse acabado tudo.

Enquanto Dudley andava a flunar, olhando para o ar e comendo gelados, Harry limpou as janelas, lavou o carro, aparou a relva, adubou os canteiros, podou e regou as rosas e pintou de novo o banco do jardim. O Sol ardia lá em cima, queimando-lhe a parte de trás do pescoço. Harry sabia que não devia ter provocado Dudley, mas ele dissera precisamente aquilo que ele próprio pensava... talvez não tivesse amigos em Hogwarts.

«Deviam ver agora o famoso Harry Potter», pensou amargamente, enquanto espalhava adubo nos canteiros, as costas a doerem-lhe e o suor a escorrer-lhe pelo rosto.

Eram sete e meia da tarde quando, por fim, exausto, ouviu a tia Petúnia a chamá-lo.

— Anda para dentro e passa por cima dos jornais.

Harry entrou satisfeito na cozinha fresca, que rebrilhava. Sobre o frigorífico estava o bolo da noite: um enorme monte de natas cobertas de violetas de açúcar. A carne de porco assava no forno.

— Come depressa, os Mason devem estar a chegar! — exclamou bruscamente a tia Petúnia, apontando para duas fatias de pão e uma de queijo que estavam em cima da mesa da cozinha. Ela já tinha posto um vestido de cerimónia cor de salmão.

Harry lavou as mãos e comeu aquele triste jantar. Mal tinha terminado, a tia Petúnia tirou-lhe o prato.

— Lá para cima, rápido!

Ao passar pela porta da sala, Harry vislumbrou o tio Vernon e Dudley de *smoking* e laço. Tinha acabado de chegar ao cimo das escadas, quando a campainha da porta tocou e a cara do tio Vernon apareceu no patamar. — Lembra-te, rapaz, um ruído que seja...

Harry entrou no quarto em bicos dos pés, fechou a porta e virou-se para se deixar cair sobre a cama.

O problema é que estava alguém lá sentado.